

EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|---|--|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input checked="" type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

Redescobrimo as poéticas do desenvolvimento:

LAMA no MoMA, 2015

Carlos Eduardo Comas

A exposição “Latin America in Construction: Architecture 1955-1980”, a realizar-se de março a junho de 2015, é a primeira vez em que o MoMA, o Museum of Modern Art of New York discute a LAMA, o Latin American Modern Architecture, desde a exposição e o catálogo de 1955 organizados por Henry-Russell Hitchcock, panorama da atividade profissional de ponta na região na primeira década após o fim da Segunda Grande Guerra. A curadoria é constituída pelo historiador Barry Bergdoll, professor de Columbia University e curador chefe do Department of Architecture and Design do museu, e dois curadores convidados, o autor e o arquiteto argentino Jorge Francisco Liernur, professor da UTDT em Buenos Aires, tendo como assistente de curadoria o arquiteto Patricio del Real.

A curadoria assume a idéia de América Latina como uma conveniência léxica, respaldada pela raiz mediterrânea comum às classes dominantes e aos idiomas oficiais em contigüidade geográfica, mas encobrimo infinitas diferenças. Num território de dimensão continental, os ares do Atlântico não são os mesmos do Pacífico, a metade de fala portuguesa constituída como nação discrepa da metade de fala hispânica politicamente fragmentada, as fronteiras internas da América Hispana não se reduzem a uma divisão administrativa. A América Latina é uma abstração equívoca, uma miragem. E no entanto, mais além da diversidade de paisagens, estirpe e mesmo de fortuna, há condições semelhantes que reforçam a pertinência da denominação geral. Estar na margem dos centros da cultura ocidental é uma delas. Estar na margem não é o mesmo que estar à margem, ou marginalizado. A distância do centro tem suas vantagens. Pode propiciar uma perspectiva distinta e mais ampla, pode prover maior liberdade de experimentação ou facilitar desenvolvimento inovadores de idéias forasteiras. A margem é uma promessa de centro alternativo. .O legado arquitetônico do segundo terço do século XX teria sido mais pobre sem o aporte de Costa e Niemeyer, os irmãos Roberto, Reidy, Barragán, Dieste, Williams e Testa, Villanueva e tantos outros. A crônica do legado ficaria mais pobre se esquecesse obras que um dia foram protagonistas e podem ainda comover e edificar. Por outro lado, a interpretação mais corrente desse legado insiste na diferença trazida por vontades de conciliação do “espírito do tempo” com o “espírito do lugar”. A interpretação é procedente, porém parcial. Um juízo apoiado somente nesses termos, ainda que elogioso, tenderia a exaltar características epidérmicas, desconsiderando a complexidade das obras, tornando possível, na seqüência, reduzi-las a uma nota regionalista de pé de página de um discurso estrangeiro, a pouco mais do que uma adaptação exótica de muito pouco interesse.

Por outro lado, a pesquisa feita evidencia convergências inegáveis no desenvolvimento formal da arquitetura moderna na região. A representação se dá com projetos e obras nos mesmos países que participaram da seleção de Hitchcock: Brasil, México, Cuba, Venezuela, Colômbia, Peru, Chile, Argentina e Uruguai, não tendo se considerado relevante inclusão adicional.

A exposição inclui obras e projetos começados antes de 1955 e obras começadas antes de 1980. Se a primeira data está claramente marcada pela exposição anterior de Hitchcock, a segunda corresponde ao desejo de incluir obras como o SESC Pompéia (1976-86) e Caraíba

(1976-1872) além da Ciudad Abierta no Chile, projeto iniciado em 1970 e ainda em curso. Tais projetos se inscrevem decididamente na tradição moderna, contrapondo-se às pressões de um pós-modernismo emergente em "The architecture of the Ecole des Beaux-Arts" e "The language of Post-modern Architecture", respectivamente a exposição e catálogo de Arthur Drexler no MoMA (1976) e o livro de Charles Jencks (1977). Nesse momento, ao menos para este autor, fica claro que os projetos acima mencionados, que se poderiam dizer de um realismo alternativo, constituem um excursão, anunciando o início da seqüência do filme anterior, e o filme anterior tem um prólogo e dois atos, como se segue.

O prólogo vai de 1926 a 1936, e coincide com a introdução na região da arquitetura proposta pela vanguarda européia a partir de 1922, segundo Hitchcock, e que se pauta pelas linhas que Hitchcock e Philip Johnson vão crismar como arquitetura moderna, o nome de batismo dado por promotores e praticantes no I CIAM de 1928.

O primeiro ato se estende de 1936 a 1956 (ou seja, logo após o panorama de Hitchcock), dos projetos exemplares definindo uma escola brasileira baseada no Rio até o concurso para o Plano Piloto de Brasília. As Cidades Universitárias do México e Venezuela são balizas intermediárias, assim como a participação de Niemeyer e Vilamajó no projeto das Nações Unidas (1948), marco emblemático do triunfo da arquitetura moderna no pós-guerra e da derrota do historicismo eclético-acadêmico. É período em que a diversidade formal se persegue dentro de uma variante única da arquitetura moderna, ou pelo menos dentro de variedades que parecem similares ou complementares antes que adversárias. Do ponto de vista contextual, 1936 coincide com a Guerra Civil Espanhola, 1945 com o fim da II Guerra e a deposição de Getúlio Vargas, 1946 com a doutrina de Zhdanov sobre o realismo socialista, 1950 com o conceito de subdesenvolvimento e imperialismo de Prebisch, 1952 com a cunhagem dos termos Primeiro, Segundo e Terceiro Mundos, 1956 com Kruschev e a coexistência pacífica e a vulgarização da idéia de subdesenvolvimento, quando antes apenas atraso.

O segundo ato se estende de 1956 até 1976, da exibição de estrutura de concreto aparente em São Paulo e pele de tijolo em Bogotá ao realismo alternativo dos projetos mencionados antes. A consolidação de Brasília e o concurso PREVI em Lima são balizas intermediárias, assim como a incorporação da Ciudad Abierta. A diversidade formal se persegue em variedades da arquitetura moderna que parecem adversárias ao invés de familiares ou complementares. Como a dissolução do CIAM em 1956 deixa claro, uma nova geração entra no palco aqui também. Do ponto de vista contextual, cabe lembrar o Sputnik em 1958, a revolução cubana em 1959, a Baía dos Porcos de 1961, a crise dos mísseis cubanos em 1962, o golpe militar e a Aliança para o Progresso de 1964, a crise do petróleo de 1973 anunciando o fim do milagre brasileiro.

Originalmente intitulada "The poetics of development" e mais tarde "Architecture for the progress", ambos vetados, a exposição conta com um Prelúdio correspondendo ao prólogo e ao primeiro ato, com destaque para as obras de transição, as Cidades Universitárias, antes de entrar no segundo ato e no excursão. O título presente, definido por Bergdoll, é talvez menos carregado de conotações precisas que os anteriores. Estes se tornaram respectivamente o título do ensaio do autor no catálogo e o título do ensaio de Liernur. O ensaio inicial de Bergdoll se intitula "Learning from Latin America."

De qualquer modo, o período em exame e os títulos dos ensaios se justificam por três características marcantes: o desenvolvimento econômico, social e político da região, o desenvolvimento disciplinar dentro do marco da hegemonia da arquitetura moderna na região, e a marginalização progressiva da arquitetura latino-americana na historiografia



européia e norte-americana. A discussão em torno das poéticas do período se dá com o reconhecimento pleno da dupla conotação do termo, associada ao mesmo tempo com o fazer e o expressar. A seleção de obras leva em consideração não só a sua relevância histórica e artística, como a qualidade dos documentos que a representam, majoritariamente de época, e o tamanho da área expositiva de 1200 m². Maquetes e fotografias encomendadas especialmente enriquecerão a exposição.



III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo
arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva
São Paulo, 2014
